



Um homem presente nas lutas do seu tempo, um personagem da história da educação brasileira

Entrevista com
José J. Queiroz

Entrevista com o professor doutor José J Queiroz concedida aos professores Marcos Lorieri e Carlos Bauer

Apresentação do Professor Queiroz

Nosso entrevistado deste número da *Dialogia* é o professor doutor José J Queiroz que tem trajetória invejável como pesquisador, militante de importantes lutas políticas e sociais e como educador que tem presença marcante em todos aqueles que tiveram e têm a oportunidade de serem seus alunos e orientandos nos cursos de graduação e nos programas de mestrado e doutorado. É também um excepcional colega de trabalho que contribui muitíssimo com seus pares trazendo aquilo de melhor que tem que é a sabedoria conquistada ao longo de anos de estudos e de experiências.

Segundo seu Currículo Lattes, possui graduação em Filosofia pela Faculdade Santo Tomás de Aquino (1953), graduação em Teologia pela Faculdade Santo Tomás de Aquino (1957), graduação em Filosofia pela Organização Mogiana de Educação e Cultura (1970), graduação em Direito pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (1972), mestrado (*Lectoratus*) em Filosofia e Teologia pela Faculdade Santo Tomás de Aquino de Bolonha – Itália (1957) e doutorado em Direito pela Universidade Pontifícia Santo Tomás de Aquino de Roma (1960). É professor doutor da Universidade Nove de Julho e professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, pós-modernidade, complexidade, sagrado e pós-modernidade, religião e linguagem.

Aos quase 80 anos (a se completarem em dezembro do próximo ano) este espírito cada vez mais jovem, marcado por um rico processo de maturação, nos dá mostras da vitalidade necessária a todo ser humano e em especial ao ser humano educador. 2012 será o octogésimo ano desta vida tão cheia de lutas que, pelo visto, continuará nesta marcha. Vale conferir algumas preciosas considerações que nos oferece nesta entrevista que muito honra a publicação deste número 14 de *Dialogia*.

Marcos Lorieri e Carlos Bauer

Dialogia – Professor Queiroz, como se deu sua formação acadêmica, quais foram os momentos que você julga mais significativos de sua presença na vida universitária brasileira?

José J. Queiroz – No que diz respeito à minha formação acadêmica e à evolução das minhas concepções teóricas, meu itinerário passou por várias fases. A partir dos anos 1950 até 1960, período dos meus estudos na Europa, centralizado em Bolonha (filosofia e teologia) e depois em Roma, com estágios na França e na Inglaterra. Fui aristotélico-tomista, indo às obras de Aristóteles, em especial à lógica e à metafísica e me debruçando no texto latino da *Suma de Teologia*, de Tomás de Aquino, ao mesmo tempo nutrindo grande simpatia pelo neotomismo, de Jacques Maritain, pela filosofia fenomenológica na vertente existencialista e pela nova teologia europeia (teologia do desenvolvimento, da esperança, da política) que foram ecoar no *aggiornamento* (atualização) desencadeada pelo inesquecível Papa João XXIII e se firmaram nos documentos do Concílio Vaticano II.

Meu contato, aproximação e incorporação do pensamento marxista não se deram diretamente em cursos acadêmicos, mas na ação, quando, como professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) no mais duro período da repressão militar – me envolvi com os movimentos populares, com as comunidades de base eclesiais e com a Teologia da Libertação. Como advogado, integrei o nascente Movimento dos Direitos Humanos, sendo cofundador de vários centros de defesa nas regiões episcopais da Arquidiocese de São Paulo. Atuei como assessor da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, que, em conjunto com o Centro Santo Dias de Direitos Humanos da Arquidiocese do qual também fui presidente tiveram marcante desempenho seja na salvaguarda e proteção dos direitos dos mais empobrecidos – incluindo a população carcerária que sofria no descalabro das prisões, seja na defesa dos militantes de esquerda, vítimas da violenta repressão militar. Essa militância me levou às obras de Marx e à leitura de Gramsci, em especial os quatro volumes dos *Quaderni del Cárcere* (Cadernos do Cárcere) no original italiano, pois não havia ainda tradução portuguesa.

Da minha militância como advogado, área na qual obtive doutorado pela Universidade Santo Tomás de Aquino, em Roma, restam também as memórias da minha atuação na Justiça do Trabalho, a participação no Congresso Internacional de Juristas Católicos, realizado em Dakar, em 1968, onde estive em companhia de

Dom Hélder Câmara, ocasião em que presidi uma das sessões além de assessorar grupos de operários da Zona Sul de São Paulo e do ABC, discutindo com eles, no clima dos “anos de chumbo”, os direitos trabalhistas e políticos. Daqueles grupos nasceram as lideranças que criaram as Comissões de Fábrica, agentes das futuras greves do ABC e do movimento sindicalista antipeleguismo, o embrião da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

A partir de 1971, integrei o Departamento de Teologia da PUC-SP, um dos esteios da reforma dessa Universidade, cuja principal novidade foi a instauração do Ciclo Básico Unificado que fomentava, em seus cursos, a leitura crítica da realidade. Como falar em marxismo era expor-se a cair nas malhas da repressão, o Departamento, mediante a disciplina Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo, mirava despertar nos alunos o senso crítico mediante textos do personalismo de Mounier, de Erich Fromm, de Marcuse, (cuja leitura eu introduzi, trabalhando *O homem unidimensional*), do existencialismo, nas peças de Sartre e no poema de Drummond em seu célebre “Especulações em torno da palavra homem” (tenho ainda a viva lembrança do impacto que causava nos alunos versos como este: “Como morre o homem, como começa? Sua morte é fome, que a si mesmo come? Morre a cada passo. . .”) e de textos extraídos de Paulo Freire, *A educação como prática da liberdade*.

Para finalizar o meu itinerário, cumpre informar que persistindo nos meus estudos de filosofia (por vários anos fui docente de Ética e Metafísica, no curso de Filosofia da Universidade São Francisco, do qual fui também coordenador) e de Ciências da Religião, que também coordenei. Nos últimos 15 anos engajei-me diretamente na área

da Educação colaborando com o valioso projeto da Universidade Nove de Julho (Uninove) em instaurar o Programa de Mestrado e Doutorado em Educação mirando um nível de excelência em pesquisa e na busca de respostas aos grandes desafios da área. Desde o início desta proposta, integrei o grupo dos pioneiros, trabalhando em estreita articulação com a profa. Cleide Almeida, diretora do Programa, com o prof. José Rubens Jardimino e com a profa. Izabel Petraglia, exímia conhecedora e pesquisadora da teoria da complexidade, com a qual me introduzi na leitura e nos estudos das obras de Edgar Morin. Hoje, tenho a grata satisfação de compartilhar com excelentes colegas as preocupações e os compromissos rumo a uma Educação cada vez mais preocupada com os grandes temas e problemas da nossa sociedade.

Dialogia – A partir de 1964 o Brasil viveu um período histórico marcado pelo obscurantismo e por perseguições políticas, com a naturalização da violência, atrocidades e ataques dirigidos contra diferentes segmentos da sociedade civil. Nesse cenário, como se comportaram a universidade, seus alunos, funcionários e professores?

Queiroz – Muitas universidades se acomodaram e assumiram uma atitude de apoio, tácito ou explícito ao regime e aos seus desmandos. Poucas, porém, embora também em seu seio houvesse até aplausos à hegemonia capitalista militarizada, tomaram posições (alunos, professores, até com o apoio da direção) e uma atitude de resistência na teoria e na prática. Nessa linha, a experiência que me tocou mais de perto foi a da PUC-SP cuja direção como Grão-Chanceler foi assumida pelo Cardeal Paulo Evaristo Arns, sendo reitora a dra. Nadir Kfourri, e o vice-reitor acadêmico o professor

Casimiro dos Reis Filho, que já fora vítima de perseguição pela ditadura, mais tarde substituído pelo prof. Antonio Joaquim Severino, sendo vice-comunitário o padre Edênio Valle. Nesse período, a PUC deu abrigo a professores de esquerda visados pela ditadura e reativou o Instituto de Estudos Especiais (IEE), que, ao lado de iniciativas de outras áreas da Universidade, estabeleceu uma ponte entre o acadêmico e os grandes desafios da conjuntura adversa. O Instituto de Estudos Especiais cuja direção ocupei de 1976 a 1986 enfrentou, na teoria e na ação, os problemas mais candentes da época, como a cultura do povo amordaçada, a situação do sistema prisional e a dos menores com conduta desviante, a educação popular e a fé-política, os movimentos populares que se abrigavam nas comunidades da “Igreja Progressista”, a Teologia da Libertação... Dois grandes eventos marcaram, na época, a atuação do IEE: os nove encontros das Comunidades de Base, dos Movimentos Populares e dos intelectuais (professores e estudantes) com os teólogos da libertação que participavam do Encontro Mundial dos Teólogos do Terceiro Mundo, de 21 de fevereiro a 1º de março de 1980. A última noite foi um encontro com o comandante Ortega e os dirigentes do recém instalado governo revolucionário sandinista na Nicarágua. (Na época nutria-se o sonho de uma América Latina e caribenha socialista, nos moldes do sandinismo). As falas desse encontro de nove dias foram publicadas no livro *A Igreja dos pobres na América Latina*, que organizei e editado em 1980, pela Brasiliense. Outro evento importante foi um grande seminário sobre a cultura

do povo, que reuniu sociólogos, antropólogos, economistas, historiadores, linguistas, psicólogos, pastoralistas, folcloralistas, homens e mulheres atuantes em diversos setores da vida popular, gente do teatro, dos clubes, das associações dos bairros, das comunidades de base, durante três dias, em debate aceso. As exposições foram recolhidas no livro *A cultura do povo*, organizado por mim em parceria com Edênio Valle, publicado pela EDUC, em 1981, cuja grande acolhida demandou mais quatro reedições.

A PUC-SP foi um caso exemplar de resistência não só na teoria, mas também na prática. Num contexto de ditadura externa, estabeleceu um regime democrático, com eleições diretas para todos os cargos, criando duas grandes associações, a dos docentes e a dos funcionários, que exercem ativa representação junto aos órgãos administrativos. Outras universidades particulares e públicas também tiveram papel relevante e o movimento dos professores e estudantes aderiu ao movimento nacional pelos direitos humanos e pelo retorno do Estado de Direito, que pôs fim ao regime ditatorial, uma conquista da mobilização de toda a sociedade.

Dialogia – E hoje, como anda a universidade no Brasil?

Queiroz – Essa mobilização geral teve o grande mérito de trazer de volta a liberdade de pensamento na universidade. Por outro lado, o pensamento crítico mais radical, que outrora tinha um objetivo capaz de unir a população em geral, intelectuais, estudantes, operários e movimentos sociais a derrubada da ditadura arrefeceu em sua visão de futuro utópico e não se firmou na sociedade e na universidade a consciência de que se deveria mirar, para além do imediato, que era o fim de um regime ou de um sistema de governo, mas para a transformação de um sistema social opressor e excludente que se firma no ópio do consumismo generalizado e na massificação, controle e submissão dos meios de comunicação. Nesse sentido, a universidade e a sociedade em geral acomodaram-se. Distribuindo bens supérfluos e criando um clima de hiperconsumo, como também acalentando ilusões, insuflando incertezas, esvaziando as certezas ainda possíveis, forjando crises e se fortalecendo com elas, a nova fase do capitalismo, o capital especulativo, improdutivo, sem cara, nem pátria, nem fronteiras, aumentando a massa dos excluídos e alimentando a competição desvairada, está desafiando a capacidade de crítica e de transformação.

Dialogia – Em sua opinião quais são as grandes tarefas e responsabilidades que estão depositadas nas mãos dos pesquisadores da educação brasileira na contemporaneidade?

Queiroz – A partir da situação exposta, a grande tarefa da pesquisa está em unir avanço tecnológico e finalidade ética cujo valor fundamental é a busca de uma sociedade justa, igualitária e fraterna. Cabe à educação a tarefa de ser pioneira nessa empreitada quando se debruça sobre os aspectos filosóficos, sociológicos, políticos e práticos que envolvem a área. À história da educação compete rever onde e porque erramos, os fatores que levaram ao fracasso das vias libertárias e à derrocada do socialismo. Cabe à educação buscar certezas na incerteza e inventar novos caminhos de superação do próprio sistema autoritário, impositivo e repetitivo que impera no âmbito escolar, dando asas à criatividade na relação pedagógica. Não ceder à tentação do derrotismo, desacreditar na irreversibilidade da história. Não estamos no fim da história nem no último homem, mas num útero fértil capaz de parir o novo. Acreditar na força da metamorfose que não é um processo espontâneo, mas nasce da práxis, força amorosa, que se dispõe até ao sacrifício de si pelo triunfo da igualdade e da justiça.

Dialogia – Quais autores, clássicos ou atuais, poderiam ser recomendados na construção de pesquisas comprometidas com o exercício da crítica e o espírito transformador dos problemas estudados?

Queiroz – Indicar um guia de leituras é tarefa das linhas e grupos de pesquisas que trabalham na área da educação. Como não há pensamento único na educação, felizmente, as leituras dependem das visões ou ideologias que ora dialogam ora se contrapõem. Evidente que um comprometimento com a crítica a transformação vai se embasar em leituras que levam a esse objetivo. Na linha do pensamento marxista, está havendo um grande interesse pelos escritos do jovem Marx, como por exemplo, os *Manuscritos econômico-filosóficos*, de 1844, *A ideologia alemã*, escrita com Engels em 1845 e os *Grundrisse*, completados em 1858, traduzidos como *Elementos fundamentais para a crítica da economia política*. Numa linha dialética culturalista, é fundamental a obra de Gramsci, em especial *Os intelectuais e a organização da cultura*. Um clássico da dialética histórica na atualidade é o de Manacorda, cuja obra *O princípio*

educativo em Gramsci é preciosa para a área. Na linha freiriana, o espírito crítico e transformador tem inúmeras opções de leitura. Aponto uma obra, escrita na sua juventude, mas ainda de grande atualidade, *A educação como prática da liberdade*, composta no seu exílio chileno. E uma da maturidade, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. Para uma visão da teoria da complexidade, que hoje é largamente estudada e pesquisada, indico a obra de Edgar Morin, escrita por solicitação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), de leitura fácil, que aplica à educação os princípios da complexidade: *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. O conhecimento do pensamento pós-moderno e a polêmica em torno dele também me parece fundamental, não só para apontar suas limitações como também para captar suas potencialidades. Como obra crítica clássica do pensamento pós-moderno, indico a de Habermas, *O discurso filosófico da modernidade*. Para uma compreensão mais ampla da pós-modernidade, ou da hipermodernidade, aconselho as obras de Bauman e de Lipovetski, dando preferência às mais recentes. No que tange ao tema “educação” e “pós-modernidade”, há obras críticas que só veem negatividade no pós-moderno (como por exemplo, Pedro Goergen, em *Pós-modernidade, Ética e educação*) e outras que apontam também suas possibilidades, (como Sílvio Gallo em *Deleuze e a educação* e Carlos Skliar [Org.] em *Derrida e a educação*).

Dialogia – Prof. Queiroz, fale-nos um pouco sobre as relações entre o corpo e a corporeidade na pesquisa educacional. Qual a sua importância e o que ela pode nos ajudar a desvelar? Como você chegou a essa temática, existe algum aspecto particular ou autor que o tenha motivado nos estudos sobre educação e corporeidade?

Queiroz – Na história do pensamento ocidental preponderou uma visão negativa do corpo, desde Platão, que, no famoso e belo diálogo *Fédon*, o aponta como empecilho para o pleno exercício da razão e para a purificação da alma. Esta concepção penetrou no Ocidente cristão, cujo ideal ascético requer a mortificação do corpo para a prática das virtudes. A modernidade que começa a se firmar com o pensamento cartesiano e seu dualismo entre a *res cogitans* (a razão) e a *res extensa* (a materialidade), na qual inseriu o corpo, teve como consequência a concepção deste como máquina, a ser analisado como um objeto fragmentado. O

século XX é apontado como o início de uma visão positiva do corpo e da corporeidade, que vem ocupando lugar de destaque nas ciências em geral e nas pesquisas sobre educação. Mas já encontramos menção ao valor do corpo nas obras de Marx que também o apontou como o principal receptor das nefastas sequelas da exploração do trabalho, em especial, o corpo das mulheres e das crianças. Foucault levantou as novas formas de manipulação do corpo no moderno capitalismo. As novas correntes filosóficas do século XX, em especial a fenomenologia e o existencialismo, foram apontando o valor do corpo para alcançar uma visão epistemológica integral do humano. A educação, embora um tanto tardiamente, se deu conta dessa virada, e, especialmente na área da educação física, elabora pesquisas e estudos sobre o corpo. O pensamento crítico na área da educação tem se debruçado sobre o corpo e a corporeidade em inúmeras pesquisas, ora para apontar a sua manipulação como objeto de consumo, ora para constatar seu esquecimento na relação pedagógica, ora para realçar seu papel como integrante fundamental do sujeito humano, sem o qual a razão seria uma realidade desencarnada, sem desejos, emoções e paixões. A descoberta e o embrenhar nesses estudos motivaram a me dedicar a esse tema e a fazê-lo objeto de um projeto de pesquisa que já venho conduzindo há algum tempo, depois do meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Uninove.

Um autor que muito me influenciou nessa direção foi o saudoso Hugo Assmann, professor da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), que, em suas três obras: *Paradigmas educacionais e corporeidade*, *Metáforas novas para reencantar a educação*, *Reencantar a educação : rumo à sociedade aprendente*, levou-me a me convencer desta tese várias vezes enunciadas nos seus escritos:

[...] a corporeidade, e seu vetor historicizante ao nível bio-psíquico-energético, a motricidade, constituem a instância básica de critérios para qualquer discurso pertinente sobre o sujeito e a consciência histórica. A corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que penetre toda a Educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global, é, de entrada, falaciosa. Somente uma teoria da corporeidade pode fornecer as bases para uma teoria pedagógica. (ASSMANN, 1998, 43)

Várias correntes de pensamento têm se debruçado em busca desta teoria, que, a meu ver, ainda está em fase de construção. Mas, enquanto a teoria avança, é preciso lastimar que a prática ainda vá lenta, e o corpo, especialmente no ensino superior, continua quase sempre um ilustre ausente. Os docentes não são formados para lidar com a corporeidade na relação pedagógica, e ainda prevalece a concepção de que educar se limita a uma relação entre o *logos* (a racionalidade) do professor com o intelecto de quem aprende. Daí a importância de pesquisar e incentivar novas experiências que buscam dar ao corpo e à corporeidade o lugar de relevância que lhes cabe na educação.

Dialogia – Muito obrigado professor Queiroz, suas palavras não apenas documentam a história viva da educação, mas estimulam todos aqueles que a querem crítica e transformadora!

Referências

ASSMANN, Hugo. Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
